

A POSIÇÃO DA METAFONIA NO QUADRO DAS ALTERNÂNCIAS VOCÁLICAS

Viviane Cunha
FALE/UFMG

A metafonia tem conseqüências morfológicas de grande repercussão no nosso idioma, é por excelência um fenômeno diacrônico, que atuou desde os primórdios da língua e parece que ainda atua no português moderno.

Os autores que trataram do assunto têm ignorado dois pontos importantes: a questão da terminologia nas várias línguas e a relação da metafonia com outras alternâncias vocálicas.

O trabalho procura ressaltar esses dois aspectos.

Como é sabido, o termo *metafonia* e seus equivalentes nas línguas românicas correspondem ao alemão *Umlaut*. Segundo Martinet (1974), o termo alemão serviu para designar primeiramente o jogo de alternâncias morfológicas que se criou no alemão moderno, a partir dos resultados de um processo fonológico, e não o processo em si. Blaylock (1965) observou que os primeiros indo-europeístas e germanistas chamaram *Umlaut* tanto ao processo como ao resultado das alterações da vogal tônica, condicionadas por um *i* subsequente, no alemão e no céltico. É preciso portanto que se adotem certos critérios ao fazer a correspondência dos termos nas várias línguas.

A escola espanhola usa, ao lado do termo *metafonia*, também o termo *inflexión*, e este último parece ser o preferido pelos autores espanhóis. Mas, ao que tudo indica, os termos não são sinônimos. *Inflexão* é um termo mais genérico, do campo da Linguística Geral, enquanto *metafonia* é um termo específico da Fonética e da Fonologia, que, por sua vez, são ramos da Linguística Geral. Martinet (1974) afirma ainda que *inflexion* é mais usado no francês do que *métaphonie*.

Outra questão a que se tem dado pouca importância nos estudos sobre metafonia é a relação desta com outros tipos de alternância vocálica. Sabemos que a metafonia é apenas um dentre os vários tipos de alternância vocálica. Em geral é considerada como um tipo de assimilação que pode ser

à distância ou em contigüidade. Para explicitar melhor o seu caráter, comparemo-la com outras alternâncias vocálicas.

No século passado, Brugmann (1886) entende por assimilação à distância de uma vogal a outra, as modificações "da qualidade de uma vogal, sob a influência da vogal de uma sílaba vizinha, quando há uma consoante entre as duas".¹ Esta assimilação pode ser parcial ou total. Da assimilação parcial Brugmann dá um exemplo do velho alto alemão *gesti*, em que o *i* final de *gasti* fez fechar o timbre para *e*. O fenômeno se percebe no seu resultado atual: singular *Gast* – plural *Gäste*. Da assimilação total, dá um exemplo também do velho alto alemão, "*mezzinti*, de *mezzanti*". O primeiro caso é um tipo de assimilação parcial, que ele chama de *metafonia* (*Umlaut*); e, no segundo caso, trata-se de uma assimilação total, que ele chama de *harmonia vocálica*.

Já nos nossos dias, Schane (1973), estudando os processos fonológicos, por ele subdivididos em quatro categorias, considera uma delas, a assimilação, como um conjunto de fenômenos que as gramáticas históricas tradicionais apresentam independentes uns dos outros. Nessa categoria, a subcategoria estabelecida por Schane que interessa aqui é aquela em que se verifica um processo assimilatório, isto é, aquela em que um segmento assume traços de um segmento vizinho. Mais especificamente, interessa-nos o caso em que uma vogal pode ter efeito sobre outra. Quando a vogal de uma sílaba se torna mais semelhante à vogal de outra sílaba, pode-se identificar dois processos distintos: *harmonia vocálica* (ou harmonização) e *metafonia*.

Da observação dos exemplos constata-se que: a) no primeiro caso, é a vogal tônica que atua sobre a átona, como ocorre no português oral *minino* (na escrita padrão *menino*; b) no segundo caso, a situação é inversa: é a átona que exerce influência sobre a tônica, como nos exemplos que tomo à diacronia: *debita* > *dívida*, *feci* > *fiz*.

Apesar da distância temporal e da diferença de escolas, tanto Brugmann como Schane concordam em que a metafonia e a harmonia vocálica são processos assimilatórios. Brugmann, porém, vai mais longe: considera a metafonia um tipo de assimilação parcial e a harmonia vocálica (ou harmonização) um tipo de assimilação total.

1 Sous ce chef [*Assimilation de voyelles à voyelles à distance*] nous comprenons les modifications par assimilation de la qualité d'une voyelle sous l'influence de la voyelle d'une syllabe voisine quand il y a une consonne entre les deux. (p. 246, tradução minha).

Mas não é somente quanto ao tipo de assimilação (total ou parcial) que a metafonia e a harmonização se distinguem. É também quanto à intensidade das vogais ativas e passivas que participam do processo, já que, na harmonização vocálica é a vogal tônica que atua sobre a átona (em geral antecedente), e na metafonia é a átona, em geral final, que vai atuar sobre a tônica, provocando-lhe um levantamento ou abaixamento do timbre.

A metafonia é, por excelência, como disse acima, um fenômeno diacrônico. A harmonização também é um fenômeno diacrônico, e, ao que tudo indica, segue uma deriva que remonta ao latim vulgar, conforme o atestam exemplos do *Appendix Probi*, tais como "formica non furmica". Mas a metafonia foi incorporada à língua padrão e não sofre pressões desta como a harmonização vocálica. Daí que, ao invés de ser uma regra categórica, a harmonização é uma regra variável.

Bisol (1981), estudando a harmonização vocálica no dialeto gaúcho assim a conceitua: "é a transformação da vogal média pretônica /e, o/ em vogal alta /i, u/ respectivamente" (p.92). E cita como exemplos minino/menino, curuja/coruja. Para ela "a harmonização vocálica é um processo de assimilação que se realiza por força da articulação alta de uma vogal seguinte" e, "a alteração fonética dela decorrente é a expressão de uma articulação simplificadora amparada na lei do menor esforço" (p.92). Daqui se pode deduzir que a autora parte do âmbito da fonética articulatória para conceituar a harmonização.

Bisol não menciona no seu conceito a atuação da vogal tônica, mas vai deixar isso transparecer no decorrer de sua tese. Menciona, entretanto, as vogais que atuam no processo de harmonização no caso do português.

Já Mattoso Câmara (1981) define a harmonização como "mudança de timbre de uma vogal pretônica para harmonizar-se com o da vogal tônica". Mas não especifica as vogais envolvidas no processo, apesar de citar [mi' ninu] e [pi' ru] como exemplos, na sua definição de harmonização.

Observe-se nos exemplos de Mattoso o seguinte: em [pi' ru], e → i – o traço assimilado foi o da altura, mas como a vogal ativa e a passiva pertenciam a séries diferentes (anterior e posterior), a assimilação foi parcial. Em [mi' ninu] e → i – o traço assimilado foi também o da altura, mas como a vogal ativa e a passiva pertenciam à mesma série anterior, houve assimilação total.

Como tipo de alternância vocálica vale mencionar também o *alçamento*. Viegas (1987), estudando o alçamento das vogais pretônicas no dialeto de Belo Horizonte, o define como elevação do traço da altura das vogais médias pretônicas (p.44). No seu trabalho afirma que há uma série de

palavras que sempre aparecem alçadas, do tipo *minina*, *dumingo* e uma série que não aparece alçada como *meninge* e *domínio*. Ao lado dessas, existem algumas palavras que variam e fazem parte de uma pequena lista: *prissinto* / *pressinto*, *cunversar* / *conversar*. Segundo ela, existem casos em que a vogal média pretônica não aparece senão na escrita, já que na língua oral, há alçamento, como em *apiritivo*, *custela*, *custume*, *siguinte*, *siguir*; exemplos que ela extraiu da tese de Bisol, acima mencionada.

A relação da metafonía com o alçamento está no fato de ser este uma das formas de realização da metafonía. Existe a metafonía por abaixamento e a metafonía por alçamento. Este é apenas um termo da lingüística moderna para designar o que a lingüística tradicional chama de fechamento de timbre.

O termo *alçamento* serve antes para nomear a natureza da mudança, do ponto de vista articulatório. Ele pode ser usado tanto no caso das vogais tônicas que se tornam fechadas, como no caso da metafonía de /ɛ/ > /e/, /ɔ/ > /o/, ou das vogais tônicas que se tornam altas, como na metafonía de /e/ > /i/ e /o/ > /u/. Tal como mostra Viegas, o alçamento pode acontecer também nas vogais pretônicas e obviamente nas postônicas.

Comentando os trabalhos acima mencionados, o de Bisol (sobre Harmonização) e o de Viegas (sobre Alçamento), eu diria que o alçamento é a *natureza* da mudança vocálica, inserindo-se no domínio da fonética articulatória, enquanto que a harmonização é o *resultado*, do ponto de vista acústico. Muitas vezes, porém, os lingüistas não fazem essas distinções, e alçamento e harmonização acabam se confundindo em textos teóricos do português. Isso se explica talvez pelo fato de que ambos correspondem ao levantamento (ou alçamento) da vogal média, seja anterior, seja posterior. Mas parece-me claro que as duas categorias de alternância se distinguem em exemplos do tipo *culégio*, *cunversa*, *cum*, e *curuja*, *furçudo*, *minino*: nos primeiros há apenas alçamento das vogais (mas não há harmonização), enquanto nos segundos, há harmonização e alçamento, ou melhor há um alçamento que resulta em harmonização.

Outro tipo de alternância vocálica muito freqüente em algumas línguas é a *apofonia*, termo português correspondente do alemão *Ablaut*. Matoso Câmara (1981) o traduz como desvio de som e o define como a alternância entre a vogal *e* e a vogal *o* nas raízes das línguas indo-européias. Exemplifica com o clássico *pous*, *podós* (grego), \sqrt{pod} , mas *pes*, *pedis* (latim), \sqrt{ped} .

Para Anderson (1977), o conceito de gradação vocálica ou *Ablaut* pretende explicar as diferenças vocálicas, não só dentro de uma determinada língua indo-européia (o que pode ser exemplificado com as formas latinas

facio perficio), como também dentro da família de línguas indo-européias, para cujo exemplo pode-se citar a variação das vogais entre o radical grego *pous / podós* e o radical latino *pes / pedis*, mencionados acima. Já a metafonia, é entendida por ele como um tipo de alternância qualitativa. A alternância de timbre das vogais médias tônicas portuguesas como /ɔ/— /o/, /ɛ/ — /e/ e vice-versa, pode ser um bom exemplo.

Bloomfield e Newmark (1963) entendem a apofonia como um caso de *gradação vocálica*. Citam como exemplo as formas inflexionadas que podem ser observadas nos verbos fortes do inglês moderno do tipo *sing, sang, sung* para distinguir esses tempos verbais e ainda classes gramaticais: *song*. Os autores consideram a metafonia um fenômeno de *mutação vocálica* onde o fonema vocálico de uma sílaba é influenciado pelos fonemas de uma sílaba seguinte. Como exemplo citam o alçamento de /ɛ/ para /i/ em *pretty* [priti] que já foi pronunciado [prẽti].

Para Mounin (1979), a apofonia pode ser *qualitativa*, quando muda o timbre da vogal, como por exemplo no latim *decet ~ doceo*, ou *quantitativa*, quando muda a duração da vogal como se pode verificar no antigo alto alemão *gābum* 'demos' ~ *gab* (eu) 'dava'. No português há raros exemplos de apofonia qualitativa nos nomes, os quais foram herdados do latim: *ano / bienal*, *arma / inerme*, *barba / imberbe*, etc. Nos verbos fortes, porém, ela é muito freqüente, no que diz respeito às formas de presente e de pretérito perfeito como *faz / fez*, *sabe / soube*, etc.

Além dos tipos de apofonia *qualitativa* e *quantitativa* vistos acima, Carreter (1984) menciona outro: é a *apofonia acentual*. Para Carreter, apofonia acentual é a que permite distinções como esta do grego: *Tómos* 'corte' e *Tomós* 'cortante'. Desse tipo de apofonia podemos encontrar exemplos também no português como *acúmulo* (substantivo) e *acumulo* (verbo).

Há ainda outro tipo de apofonia que é específica do vocalismo latino, e que os autores acima citados não mencionam. Trata-se da alternância da vogal da raiz em derivados prefixais, por influência do acento de intensidade do prefixo. Como exemplos podemos citar *facio / perficio* (/a/—/i/) e *factum / perfectum* (/a/—/ɛ/). Esse é o conceito adotado por Faria (1970) que desenvolve tal aspecto da apofonia latina com rica exemplificação.

Além da natureza da apofonia, já identificada pelos autores acima referidos, é preciso que se levem em conta também as diferentes fases de sua ocorrência. Há dois momentos importantes na história da apofonia das línguas do ramo itálico: o primeiro, que se deu em consequência da fragmentação do indo-europeu, como aquela da alternância das vogais *o/e* nos radicais gregos e latinos do tipo *pous*, *podós*, *pes*, *pedis*; o segundo, que

ocorreu no latim, em conseqüência da intensificação do acento prefixal, e que teve grande produtividade nos verbos, do tipo *facere* / *perficere*, *factum* / *perfectum*. Em português vale lembrar o tipo da apofonia já mencionado, que não é de formação vernácula, mas já herdado como tal do latim e cujos exemplos são muito raros: *ano* / *bienal*, *arma* / *inerme*, *barba* / *imberbe*, etc.

É interessante observar que a apofonia qualitativa muitas vezes é resultante de um processo de metafonia. Os nomes ingleses de plural irregular como *foot* (singular), *feet* (plural), são hoje formas apofônicas, originadas de um processo metafônico no decorrer de sua história. No velho inglês, as formas eram *fōt* (singular) e *fōti* (plural). O *i* do plural atuou na mudança do timbre passando o *o* para *e*, daí **feti*. Numa outra etapa, o *i* final sofreu apócope: **fēti* > **fēt*. O *ē* [ī] passou a ser representado na escrita por *ee*, daí *feet*, ocorrendo a mesma geminação com a vogal longa do singular: *ō* / *oo* [ū]. Como não havia *i* no singular, não houve alteração da vogal tônica, permanecendo assim *ō* [ū]. No caso dos verbos fortes portugueses, muitas formas que se apresentam apofônicas na sincronia, do tipo *fez*, *fiz*, são provenientes de metafonia na diacronia, como *fiz* < *fēci* (latim).

Como se pode observar, os processos de alternância vocálica são muito próximos entre si e se entrecruzam muitas vezes — o que dificulta o estabelecimento de um quadro distintivo.

Pode haver casos de harmonização que são resultantes de metafonia. Não se pretende na metafonia uma simetria de traços como na harmonização, embora isto ocorra algumas vezes. Além da metafonia por levantamento da vogal tônica, há ainda a metafonia por abaixamento. Também no caso da harmonização, pode ocorrer o abaixamento das vogais átonas em algumas línguas, embora isto não seja típico do português.

A metafonia tem conseqüências morfológicas de grande repercussão no nosso idioma. Não é por acaso que os seus resultados se incorporaram à morfologia da língua. Já a harmonização é um fenômeno que não interfere na morfologia portuguesa. É simplesmente um caso de variação lingüística, ou de alternância vocálica, que remonta ao latim vulgar, assim como o alçamento. Foi visto que a apofonia também se cruza com a metafonia, e, muitas vezes, a primeira é resultado da segunda.

CONCLUSÃO

Uma vez analisada a terminologia que se usa em geral para nomear o fenômeno da metafonia em algumas línguas modernas, e uma vez verificadas as suas relações com outras alternâncias vocálicas, passo a considerar

essas vogais ora um abaixamento, ora um levantamento, dependendo de a vogal átona final ser baixa ou alta.

BIBLIOGRAFIA

01. ANDERSON, James M. *Structural Aspects of Language Change*. Trad. esp.: *Aspectos estructurales del cambio lingüístico*. Madrid, Gredos, 1977.
02. BISOL, Leda. *Harmonização vocálica. Uma regra variável*. Tese de Doutorado. UFRJ, 1981.
03. BLAYLOCK, Curtis. "Hispanic Metaphony". *Romance Philology*, XVIII (3): 253-271, 1965.
04. BLOOMFIELD, Morton W. e NEWMARK, Leonard. *A Linguistic Introduction to the History of English*. New York, Alfred A. Knopf, 1963.
05. BRUGMANN, Karl. *Kurze vergleichende Grammatik der indo-germanischen Sprachen*. Trad. franc.: *Abregé de grammaire comparée des langues indo-européenes*. Paris, Klincksieck, 1905.
06. CÂMARA JR, J.M. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis, Vozes, 1981.
07. FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1970.
08. MARTINET, André. *Économie des changements phonétiques*. Traité de phonologie diachronique. Trad. esp.: *Economía de los cambios fonéticos*. Madrid, Gredos, 1974.
09. MOUNIN, George. *Dictionnaire de la linguistique*. Trad. esp.: *Diccionario de lingüística*. Barcelona, Editorial Labor, 1979.
10. SCHANE, Sanford A. *Generative Phonology*. New Jersey, Prentice Hall, 1973.
11. VIEGAS, Maria do C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. Tese de Mestrado. UFMG, 1987.
